



Director—António Dantas, filho  
 Secretário da Redacção—António Geraldo  
 Administrador—Luís Trêpa Ramos  
 Editor—António A. Carvalho Júnior

Quinzenário Académico  
 Propriedade da Empresa de O CALOIRO

Guimarães, 14 de Abril de 1912

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
 Rua de Gil Vicente, 93—GUIMARÃES  
 Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse  
 RUA DE PAIO GALVÃO

# CARTA

## RABI:

Não te conheço, nem tu me conheces.

Chamar-me hás intruso, por me não fazer anunciar, ou não arranjar previamente uma apresentação em forma, da qual aliás me julgo dispensado; mas isso pouco importa ao caso.

Uso da mesma fórmula que tu usaste e estamos pagos.

Lê a tua carta inserta no último número da «Alvorada», esse caixão de quantas impurezas e dejectos lá querem lançar, e, julgando ver mal, encavalei uns óculos, para ver melhor, e reli.

Não há dúvida. Não me enganai.

Na minha imaginação estou vendo esse padre inteligente e ilustrado, a quem te dirigiste, a acabar de ler a tua carta, a irritar-se, em convulsões de tédio, como é próprio do seu temperamento nervoso, e, por fim, a deixar-se cair numa tósca cadeira, ou no antigo canapé da sua velha casa de cura de aldeia, com um sorriso nos lábios, desses sorrisos que traduzem a compaixão, se não o desprêso, que sentem os homens cultos por aqueles que com embustes e mal firmadas aleivosias pretendem atacar uma classe alevantada e nobre, ilustrada e humanitária.

E não te responde, estou convencido disso.

O Reitor de Fermentões, esse pároco estudioso e sabedor, que é uma das glórias mais lídimas do clero paroquial desta diocese, esse distinto orador sacro que nos confundiu e confundiu com as suas brilhantes peças oratórias, não descerá, creio-o bem, a terçar armas contigo, desde que te acoutaste no caixão donde lhe escreves.

E porque seria uma pena deixarem-te sózinho no sêco areal dêste deserto da imprensa, vou eu opor algumas considerações às tuas.

Chamar-me hás intruso; pouco importa. Estamos pagos.

Eu não escrevo para ti, como tu não escreveste para o Reitor de Fermentões; escrevo para o público, como tu o fizeste, afim de ferires publicamente uma classe, à qual, se tu não deves, os

teus hão-de dever, por certo, alguns, ainda que poucos, serviços.

Tu deves ser inteligente. A julgar pelo pseudónimo que adoptaste, deves ser um colosso em Ciências, em Filosofia e em Humanidades.

Deves possuir a sabedoria de Salomão, o poder, sobre os homens e sobre as cousas, de Moisés, a força de Sansão e as legiões de Gabriel.

Rabi! O pálido Rabi de falas transcendentes!

Como tu deves ser, ou, pelo menos, te deves julgar um portento, para te queres comparar, pelo nome, àquele sublime filósofo a quem, pelo mais alto reconhecimento e pela mais subida veneração, chamaram o Rabi da Galileia!

Como te deves sentir grande e poderoso, ao enfiar-te o teu corpo, que se me desenha na imaginação enfatuado e franzino, num nome que indica força, talento, humanidade e crença!

Rabi! O cândido Rabi, rei das almas inocentes!

Como tu deves ser, ou pelo menos te julgas, um gigante, para adoptares o mesmo nome que deram a esse suave Jesus de Nazaré, que foi o terror dos demagogos do seu tempo e cujos humildes discipulos de hoje tu queres envenenar com o vírus peçonhento do teu ódio rancoroso!

Sim: tu deves ser inteligente. Tu, que te arrogas o poder de estupidificar a classe sacerdotal; tu que, publicamente e em letra redonda, declaras que nessa classe há falta de ilustração e inteligência, deves ser um colosso científico.

Como essa classe, onde há homens da envergadura do eminente escritor e polemista Sena Freitas e do genial poeta Gomes Leal, do ilustre catedrático e preclaro arcebispo Eduardo Nunes e do empolgante orador Aires Pacheco, do grande homem de saber Ferreira da Silva e do nome immaculado de Fernando de Sousa,—isto para só falar em poucos dos nossos de hoje e deixar na paz da História os nossos e os alheios que, em tam selecto número, nos defenderam intemeratamente e fi-

zeram amar profundamente a mais santa das Crenças e mais doce das Filosofias—; como essa tam benemérita classe deve sentir se humilhada perante o teu talvez único exame de Instrução Primária!

Como tantos ornamentos da ciência pátria e mundial se devem sentir uns pigmeus perante a lucidez do teu talento e a grandeza da tua autoridade, nascidas na simples conjugação dum verbo e na má definição dum substantivo!

Ah! Rabi, Rabi!

Como melhor te fôra tratares de outro ofício, que mais te rendesse, do que êsse de desatares aos insultos, para não dizer aos coices, a uma classe inteira que nem sequer se lembra de te mandar à fava!

Mas... prometi-te umas considerações e fa-me perdendo em elogiar o teu estro sublime e o teu talento sublimado.

Desculpa, Rabi.

Homens como tu, teem o condão de atrair e inebriar quando, tam bem como tu, dizem tantas insolências juntas.

Não tenho procuração bastante para defender os individuos que tu condenas duma forma tam indecorosa.

Não os defenderei.

Mas uma vez que tam aleivosamente atacas a Religião que eu professo, essa Religião de paz e amor, fundada por Aquele a quem usurpaste o nome glorioso, que lhe deram pelas suas virtudes e pelo seu saber, estou no meu direito, como católico, que me prezo de ser, de te perguntar:

Quem és? A que ordem pertencas na escala social??

E's um homem honrado, um ser sem mácula, uma alma de eleição, um coração de pomba?

Nunca pregaste um calote?

Nunca mentiste? Nunca falseaste um juramento? Nunca enganaste um teu semelhante? Nunca traíste um teu amigo?

Nunca enganaste uma donzela? Nunca seduziste ou pretendeste seduzir alguma? Nunca atraíste um amigo, ou mesmo um estranho?

Que fazes tu nesta vida?

E's proprietário, capitalista, negociante, médico, advogado, militar, empregado público, operário, charlatão de feira?

Nunca prejudicaste um vizinho nas demarcações de terreno?

Nunca levaste um juízo mais elevado? Nunca vendeste gato por lebre? Nunca fizeste visitas desne-

cessárias a doentes? Nunca prejudicaste um teu constituinte, comprado pela parte contrária? Nunca traíste a tua pátria? Nunca defraudaste a tua repartição, ou exploraste o contribuinte? Nunca fizeste cera? Nunca impingiste agua chilra por um maravilhoso remédio?

Ah! Rabi! Tu hás-de ter algum defeito, e nem porisso eu crimino todos os homens da tua classe que te consentem e toleram.

Uma classe inteira não tem culpa das tuas faltas, das faltas dum só.

Ah! Rabi! Como eu te lamento!

Como tu caíste do alto da tua sapientíssima arrogância, em enorme trambolhão, a um mar de lama com que pretendes sujar consciências limpas!

Como esta já vai longa e o tempo não me sobeja, fico-me por aqui, a lamentar-te, deixando as outras considerações para outra vez.

Zero.

## Uma carta

A' Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> M. F.  
 de Melo.

Esta carta, minha amada, é enviada da cidade, e, com anseio, vai lembrar-te uma paixão, que, reinando inda em meu seio, torna triste o coração.

Esta carta leva o odor duma flor que em meu peito tem raizes. Foi gerada pelo amor que nos deu dias felizes e também dias de dor.

Evoco em minha saúdade um tal dia,—foi em Abril!—em que à pressa te entregava —Oh beldade!— uma carta juvenil, na qual eu me declarava!

Toda trémula, querida, eu me lembro de te ver, quanto tu, junto de mim, já ferida pelo amor, fazias crer seres toda minha,—oh! sim!—

Olvidaste tam bela era?  
Oh! por certo não te ocorre!  
Foi na quadra mais formosa—  
—Não te lembra?— a primavera,  
em que alegre os jardins corre  
a borboleta ditosa!

¿ Não recordas êsse dia,  
em que à varanda tu estavas  
e eu não longe me encontrava  
e uma carta oferecia,  
que, acenando, me aceitavas?  
Que feliz! Só em ti pensava!

Umás flores me ofertaste  
que eu conservo ainda, guardadas  
no meu pobre coração,  
desde que mas entregaste;  
e estão tam bem conservadas  
que provoca a admiração.

¿ Olvidaste aquele dia  
em que fundas te brotaram  
duas lágrimas de dor?  
Quam feliz eu me sentia!...  
¿ E meus olhos não choraram...  
vendo pranto numa flor!

Uma noite, na montanha  
duma Santa, nós estávamos  
conversando com ardor.  
A ventura era tamanha!  
E pensávamos,  
em ventura ainda maior!

Uma carta recebi  
que enviada foi por tí.  
Vinte e seis do mês de Junho  
era a data; e do teu punho  
era a letra; o que ela diz!  
Já não eras tam feliz!!...

Dizes tu: «Sou obrigada  
«a escrever-te  
«p'ra dizer-te  
«que já não sou tam amada.

«Mas as lágrimas brotadas,  
«se é verdade o que tu dizes,  
«com momentos infelizes  
«pagarás, e bem pesadas,  
.....

Eu quero deixar, querida,  
esta carta bem gravada,  
e em teu peito conservada  
a paixão da minha vida.  
Não deslembrés tu jamais  
os meus ais!

Penso ainda em ti, minha amada,  
e, apesar de separada,  
eu conservo o amor profundo  
que existia  
no meu seio, e também ia,  
se tu fosses, dêste mundo...

Querias, ó Milina, ver-te  
e poder então dizer-te  
a paixão  
dêste meu seio fiel;  
mas não se escreve em papel  
o que dita o coração.

Enviando-te saudades  
termino. Felicidades  
te deseja  
quem te beija  
a formosa e linda mão  
e te entrega o coração!

Guimarães, I/IV/CMXII.

A. Dantas, f.º

Contos e lendas

Gustavo, o clarim

(Conclusão)

Foi durante a última sarrafusca  
de Madagascar.

Estávamos nós descansados no  
acampamento, sem que o menor  
ruído se fizesse ouvir, comendo  
alegremente o nosso rancho,  
quando, súbitamente, um assusta-  
do grito de—às armas!—nos veiu  
fazer recordar que era em estado  
de guerra que ali vivíamos.

Cada qual pegou no que encon-  
trou mais pronto. E, então, como  
quer que o meu tenente tivesse  
lançado mão da minha espingar-  
da, não sabia eu, desesperado,  
como combater, quando uma lan-  
ça projectada de arremêso, atra-  
vessa o peito ao infeliz clarim da  
companhia, deixando-o instantâ-  
neamente morto.

Estais certamente lembrados de  
que eu era cá na aldeia um exímio  
tocador de clarim. Assim, mal vi  
caído o infeliz rapaz, soltei um  
brado—Eh! camaradas!—e, apa-  
nhando o clarim, apresentei-me  
ao meu tenente que sustentava  
heróicamente o fogo com a mi-  
nha espingarda, e disse-lhe sim-  
plesmente:

—O clarim morreu agora. Eu  
o substituo, se quiserdes.

—Está bem, disse êle, visando  
um preto que parecia chefe do  
bando, e que, desde logo, rendeu  
a alma ao Deus dos pretos.

E, sempre ao lado do meu te-  
nente, enquanto a acção se prolongou,  
era eu que dava os sinais de  
avançar, recuar, fogo vivo, ces-  
sar fogo, enquanto as lanças, ar-  
remessadas à força de arcos rete-  
sados, caíam em volta de nós  
como granizo.

Mas afinal, as nossas belas es-  
pingardas de repetição dão tiros  
mais eficazes e mais rápidos do  
que os arcos daqueles filhos de  
Belzebu, e êles que tinham vindo,  
pé ante pé, para nos apanharem  
de surpresa, desanimados desde  
o princípio pela morte do chefe,  
fugiram em debandada, quando o  
filho dêste teve a cabeça aberta,  
duma cutilada, vibrada por braço  
robusto, numa ocasião em que o  
toque de avançar fôra dado.

—¿ E sabem que mão foi a que  
vibrou essa cutilada?—perguntou  
Gustavo desvanecido, olhando em  
roda, a ver se encontrava alguém  
que o adivinhasse.

Como todos, perplexos, guar-  
dassem silêncio, êle estende a  
mão direita aos amigos, que a  
apertaram, comovidos, dizendo,  
radiante de satisfação:

—Esta, esta mesma sôbre a  
qual amanhã a tua mão, oh!  
Georjina, será colocada, para  
que o padre as ligue com a esto-  
la, ligando-nos à face de Deus,  
para a vida e para a morte, como  
já temos unidos os corações. Não  
é assim, oh! Georjina?...

—E', sim, disse esta, osculan-  
do-o na frente. Para a vida e  
para a morte.

Gustavo foi efusivamente abra-  
çado por todos, e hoje, na reser-  
va, todos o conhecem por *Gusta-  
vo, o Clarim*.

Quadras

O Amor é oração  
Atraída pelos Céus,  
Que tem asas de emoção  
P'ra nos levar até Deus.

O Amor é Sol nascido  
Que, depois que dá fulgor,  
Brilha mais ou brilha menos,  
Mas nunca se torna a pôr.

O Amor é um vário mar  
Que ondeia nos corações;  
Quando o mar está revolto,  
Navegam nele emoções.

O Amor é um sentimento  
Que palpita em nosso ser;  
Tece ilusões, aos milhares,  
E é criança até morrer.

... Quando um beijo justapõe  
Duas bôcas desvairadas,  
Ha noivados de desejos  
Nas almas extasiadas.

Quando no teu rosto meigo  
Depus o beijo primeiro,  
Achei-me todo envolvido  
Pelo luar de janeiro.

Quando os nossos lábios juntos  
Se beijaram num só som,  
Da minha bôca p'ra a tua  
Transmigrou meu coração

As manhãs de nevoeiro  
São boas p'ra namorar,  
Pois não se perde um só beijo,  
Ficam suspensos no ar.

Embora seja janeiro,  
Um janeiro nevadinho,  
Quem namora, quem dá beijos  
Tem o coração quentinho.

Pôrto.

A. M.

Na berlinda

Eis uma secção nova cá no  
«Caloio».

Dois símbolos tem ela: um chi-  
cote e uma palma.

Aquele servirá para fazer pino-  
tear os que pelos seus actos me-  
reçam ser chicoteados e esta para  
exaltar as virtudes dos que a isso  
tenham jus.

Como por êsse mundo de Cris-  
to há mais mal que bem, princi-  
piamos a nossa secção pelo chi-  
cote.

Está, pois, na berlinda o *chefre*  
cá da Parvónia e mais o seu lo-  
gar-tenente, o incomparável 20.

O *chefre* está na berlinda:

—Por ser um instrumento ma-  
nejado pelos políticos que lhe de-  
ram o logarzinho.

—Por ser um inconsciente e  
portanto não saber o que faz.

—Por ser um ignorante e por  
consequência não perceber pata-  
vina do logar que desempenha.

—Por ser, não obstante o que  
exposto fica, um *grandíssimo*  
pedante, com presunções de es-  
perto.

—Por tolerar e encobrir ao seu  
*factótum*, o incomparável 20, o  
procedimento que abaixo se vai  
ver.

—Por ser, em virtude de tudo  
o que fica dito e do muito mais  
que fica por dizer, a desonra da  
nossa terra.

O incomparável 20 está na ber-  
linda:

—Por tomar muito honrada-  
mente a sua *piela*, a miúdo.

—Por ter pretendido, uma ma-  
nhã em que andava fortemente  
*carregado* (era no inverno, não  
admira), espancar e prender umas  
desgraçadas que lhe fecharam as  
portas, andando pela travessa das  
Enjeitadas a bater às ditas e a pro-  
ferir as maiores obscenidades, o  
que levou um seu inferior a adver-  
ti-lo e, como êle recalcitrasse, a  
prendê-lo e participar o ocorrido.

—Por ser, portanto, um *supe-  
rior* desqualificado.

—Por ser o guarda-costas do  
seu *chefre* e ir acompanhá-lo Ave-  
nida fora, quando êle vai de noite  
*poisar* para os lados da Estação.

—Por ser, em face do exposto  
e do muito mais que por expor-  
fica, o refugio da Corporação a  
que pertence.

E como nenhum dos dois sabe  
quem disse isso, cada um dá a  
sua prenda.

O primeiro a sua inépcia.

O segundo a sua má educação.

O que se há-de fazer aos donos  
destas prendas?

O primeiro, pô-lo a moço de

moleiro, única coisa para que tal-  
vez tenha geito.

O segundo, a burro do dito, isto  
por melhor officio lhe não ser

apropriado e para assim andar  
sempre atrelado ao *chefre* querido.

Eis a opinião cá do

Procurador.

ESPERANDO UMA CARTA

«Evita os conhecimentos da-  
«queles objectos que podem e  
«costumam excitar affectos. Aque-  
«les que se deixam governar pelas  
«paixões, estão em estado de es-  
«crauidão. Ocupa sempre o en-  
«tendimento em cousas necessá-  
«rias ou úteis; estuda por isso a  
«empregar bem o tempo.»

E. Job.

Guardei, e ainda hoje guardo,  
no meu sensível e affectuoso cora-  
ção, umas ternas e melifluas pa-  
lavras, proferidas pelos lábios  
duma gentil e grave menina.

A infelicidade, a perseguição  
paterna, que não conseguia dissi-  
par os intentos de sua filha, ven-  
do infrutíferos os seus trabalhos,  
baldados os seus esforços e esgo-  
tados os seus conselhos, tentou,  
como única solução, o ausentá-la  
para longe, para muito longe,  
para que eu não mais ouvisse o  
sonoro timbre daquela voz an-  
gélica e ela fôsse encontrar no des-  
têrro, isolada do que lhe era mais  
querido na vida, o perpétuo es-  
quecimento, — oh cruel tentame!  
—de quem ela nunca poderia se-  
parar de seu coração!!...

Partiu!... Nunca mais, duran-  
te a ausência de seis meses, obti-  
ve noticias suas. O meu coração  
estava repleto de mágoas; eu sen-  
tia estalarem-se-lhe as fibras mais  
sensíveis; ; o meu peito sufocava  
ao péso de continuos soluços; jazia  
extenuado ao brotar de tantas lá-  
grimas ardentes que me sulcavam  
as faces!. Sofri as maiores tortu-  
ras morais; arrotei com to-  
das as dificuldades da vida!.

Mas sempre que releio suas

cartas, sempre que volto o pensamento sobre o passado, — vendo-a apertada em meus braços, vendo ruborizar-se-lhe de pudor a face, ao contacto de meus febricitantes lábios, quando lhe depunha na ressequida fronte o inocente ósculo de amor — tudo isto, enche-me o coração de saúdaes!

Quantas vezes eu senti o teu peito palpitando, teu coração batendo! E quando eu, numa noite estelífera, inundado de luz do luar, tendo-a sentada a meu lado, trémula como os vermes de amor, lhe contemplava os contornos arroubadores, os rasgados, sonhadores e expressivos olhos, o luzente e ondeado cabelo; quando eu apreciava o hálito delicioso da sua bôca, a harmonia e conjunto de suas formas e belezas, a palidez do seu rosto e a formosura do seu todo, — parecia-me ver ali Milita, deusa do amor! ; Lembra-te de quando, recostado eu no teu regaço, acariciado por tuas diáfanas mãos, que muitas vezes beijei, me prometias nunca mais me deixares, jurando-me eterno amor?... Não te lembras?... Ah! Estas palavras ficaram gravadas em meu coração, para servirem de lenitivo às minhas cruciantes dores, às minhas combalidas esperanças e aos meus acerbos infortúnios!

...Chegou?... No meu coração senti estranha alegria; a todos os momentos esperava, ansioso, uma carta, expondo os seus sofrimentos e as enormes saúdaes que a terrível ausência lhe fizera sofrer. Mas nada chegou; encontrou na ausência resignação para suas dores; mostra-se numa completa indiferença!!

O' doce ilusão, fugaz quimera, que, como o fumo, se esvai!...

; Não aproveitaria eu melhor o precioso tempo estudando no enlevo da natureza, onde tudo é ciência, poesia, vida e amor, desde as ledas aves que adejam no infinito espaço, à flor mais simples que constantemente recebe o beijo da abelha e da borboleta?

Oh! quantas vezes o namorado apaixonado consulta radiante o oráculo dos malmequeres!

Oh! quantas vezes o namorado, despedaçado pelas saúdaes, mordido pelo ciúme, vai encontrar alívio, expandindo suas mágoas e tristezas à mãe-natureza!

Não podia, nas horas tristes e de profunda meditação, vibrar, nas cordas de meu inseparável violão, umas notas simples e suaves, que me acalantassem, que me enlevassem, adormecendo — como diz Chateaubriand, os pesares de meu coração agitado!

; Quantas vezes as grandes paixões, as grandes tristezas e os enormes dissabores se aliviam e evolvem na execução dum trecho de Verdi ou de Justino!

; Não poderia ter eu ainda como amigos e amantes, os livros, êsses que tudo dizem e ensinam?

No dizer de Augustin Thierry, «Há no mundo uma cousa, que vale mais do que os gosos materiais, mais do que a fortuna, ainda mais do que a saúde: é a dedicação e amizade à ciência e ao estudo.»

\*

Agora, meu amigo, diz-me se acreditas ainda que no coração da mulher exista êsse precioso senti-

mento, essa flama divina que se diz amor, ou se, antes, pensas que abunda a mais severa hipocrisia!

\*

Suspira!... Geme!... Chora amargamente, coração desgraçado! E' a única consolação que te resta, o alívio que ainda existe, para quem, como tu, foi ásperamente ludibriado!

A. V.

### Um simples madrigal

*Amigos*: foi esta semana que a Primavera veio, com seus iluminados céus e sob um resplandecente docel de ouro, fazer uma doce visita á linda terra portuguesa e mal parecia que um cronista sentimental e mesmo um pouco romântico, não procurasse a fina rosa dum madrigal para florir os altares pagãos dessa bela Primavera em todo o esplendor da sua infância, que está deixando cair dos olhos virginaes uma claridade que tudo trespassa e torna luzente, e deixando ainda cair nos louros cabelos, sobre as relvas verdes, as flores desnastadas das suas tranças longas.

Esta admirável paisagem do norte, tam fértil, abundante de fórmãs e de vegetações, de tam variados efeitos de côr, desde as tintas violeta e lilaz do cume dos seus montes, ao âmbar e á sanguinea dos seus poentes, quando a Primavera ressurge, irradia uma graça nova. Neste momento, já na terra germinam as sementes e já as selvas ascendem nas hastes das roseiras, para que na grande catedral da Natureza, onde Pan celebra os seus ritos sob um sol rutilante, haja verdura, grinaldas, aromas. Que todo o chão rescenda perfumes — que são o hálito puro das corolas — e que por entre os arvoredos haja moles alfombras, penumbras tépidas, mais brandas e macias do que a sêda, onde os namorados e os poetas possam repousar, com a alma cheia de saúde e de beleza, e os corações cheios de ilusão!

E será justamente a Primavera que com o encanto das suas mãos de fada, mãos imaculadas e cariciosas, tecerá com lírios brancos a capela virgínea das noivas e estrelará de «bouquets» as ramarias. A estas horas, os bardos cantam-na nas suas avenas e arabis — porque uma vez por outra a poesia nacional ainda tange a fruta pastoril daquelas alvoradas latinas em que Vergílio serenamente conversava com Horácio sob os parreirais, meditando de certo as suas «Georgicas» em que as abelhas zumbiam fabricando o claro mel e em que os rebanhos pastavam nas selvas frescas que dariam as saborosas manteigas. Firmemente creio que foi por uma esplêndida manhã primaveril como a de hoje, que o autor eterno das «Bucólicas» compôs estes versos incomparáveis:

«Fortunate senex, hic inter flumina nota  
«Et fontes sacros, frigus captabis opacum;  
«Hinc tibi, quae semper, vicino ab limite, sepes  
«Hyblaëis apibus florem depasta salicti,  
«Saepe levi somnum suadebit inire sussurro...»

(Continúa).

## Pela cidade

**Espectáculo.**—Realizou-se no domingo de Páscoa, como foi anunciado, no Salão Artístico Vimaranesense, o espectáculo promovido pelo «Grupo Dramático Musical Vimaranesense», com o drama em 3 actos e 3 quadros *João, O Corta Mar.*

Os rapazes tiveram uma casa regular e desempenharam alegremente os seus papeis, sendo por vezes ovacionados em algumas passagens do drama.

Consta-nos que, a pedido, voltarão a repeti-lo no dia 20 do mês corrente.

**Registo Civil.**—O *Diário do Governo* publicou uma portaria prorrogando a faculdade concedida para os registos de nascimentos poderem ser realizados no praso de 30 dias, após o respectivo parto.

**Dr. Leite de Faria.**—Partiu para Roma, a assistir ao Congresso sobre sífilis e tuberculose êste considerado clínico vimaranense.

**Festa associativa.**—Teve o melhor êxito o programa solenizador do 12.º aniversário da fundação da Associação de Classe dos Curtidores e Surradores.

Assistiram a uma missa, com palestra no fim do acto, e á noite houve uma conferência socialista, sendo conferente o propagandista operário António Augusto da Silva.

O bazar de prendas esteve concorrido e a sede, ornamentada com mais os retratos dos srs. Eduardo M. d'Almeida e Bernardino Jordão, foi muito visitada.

**Os passais em arrematação.**—Com bastante concorrência efectuou-se na sala do Tribunal desta Comarca a arrematação de 40 e tantos passais e residências paroquiais. Quasi todas excederam a base de licitação. Em breve serão arrematados os restantes passais e respectivas residências das demais freguesias do Concelho, esperando-se para isso que sejam concluídos os arrolamentos, os quais, como se sabe, são da competência da Autoridade Administrativa.

**«Troupe 6 de Janeiro».**—Na passada segunda-feira, pelas 9 horas da manhã, chegou a esta cidade a excursão que a «Troupe 6 de Janeiro» da vizinha cidade de Braga promovera, sendo esperada no Propôsto pela Nova Filarmónica Vimaranesense e algum povo.

Visitaram o mosteiro de S. Torquato, e pelas 7 horas da noite realizaram um concerto no jardim público, sendo ovacionados pelos assistentes, retirando para Braga ás 10 horas.

**Romaria.**—Realiza-se hoje na freguezia de Creixomil, no alto do monte chamado da Senhora da Luz, uma romaria que terá: de manhã, pelas 10 horas, missa cantada a instrumental e sermão; de tarde, pelas 2 horas, um grande bazar de prendas; e a filarmónica Boa União executará as melhores peças do seu repertório, terminando a festa com uma girandola de fogo.

**Visita pascal.**—Não se realizou êste ano na cidade a costumada visita pascal.

Em algumas freguesias do Concelho saiu como nos anos anteriores.

**Cinematógrafo.**—Fita de sucesso OS 4 DIABOS, hoje.

**Carta a Rabi.**—Dum nosso amigo e assíduo colaborador recebemos esta carta a que damos a honra de fundo, para correspondermos no nosso jornal ao logar em que na «Alvorada» foi publicada a carta que êle visa.

Que nos desculpe a modéstia de Zero.

### Santo Tirso, 11

Boas-Festas! Boas-Festas!  
Como sois belas, «mariposas», assim alegres, vestidas de gala!

Eu que retenho em mim uma repulsão ferrenha pela escravidão amorosa, chego a adorar-vos!

Arcanjos humanos, tendes nos lábios a doçura dum beijo e a meiguice dum sorriso; nos olhos a energia eléctrica da sedução.

Ainda há pouco, humildes como vestais, olhos húmidos no chão, recolhidas na negrura de vossos ttajes...

; Agora, lançando olhares como chispas, incandescentes como meteoros, passais por êste pataíso terrestre, atractivas e graciosas como Vénus!

Como sois belas, «mariposas»!

\*\*

Opas vermelhas, caldeirinha de prata e campainha dourada...

O velho cura toma o hissope, asperge agua-benta.

Alleluia! Alleluia!

E o tlintar da campainha casa-se com o estampido dos foguetes e o repique dos sinos... E' a Páscoa!

; Assim se comemora a ressurreição do Mártir de Gólgota!

\*\*

Debalde procuro um assunto de interesse, ou pelo menos engraçado. Nem pelo diabo!

Encontrá-lo hia facilmente, se o procurasse entre as *politiquices cá da terra.*

Tinha que dizer *coisas lindas do Centro*, que já mudou o «barração» para outra feira.

De certa mulherzinha que se diz capaz de actos heróicos, tais como: *Atirando bombas da janela... matando muita gente!*

Do sr. Secretário, que precisa duns sinapismos por causa da dor de cabeça...

; Do Viríssimo a quem deu a mania de falar agora de patriotismo, e de querer simplificar o verbo *haver* cortando-lhe o *h*!

Recomendo o sr. Virissimo aos srs. professores, para que lhe dêem duns palmatoadas, ensinando-lhe o *a, e, i, o, u.*

Mas...

Adriano Fernandes.

TIP. MINERVA



VIMARANENSE

Oficina de Encadernação, Papelaria e Livraria

--DE--

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. \* \* \* Trabalhos perfeitos e rápidos.

## Fotografia Carvalho

98 Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar: Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame desde 600 a dúzia.

Ampliações inalteráveis desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo tempo.

## Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial.

Alimentação abundante e bem cuidada

Pedir programas à direcção

## O GALOIRO

Quinzenário Académico

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Semestre . . . . . 240 rs.  
Trimestre . . . . . 120 "  
Numero avulso . . . . . 30 "

Pelo correio aumenta 60 reis para o porte e cobrança.

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.  
Repetição, por linha . . . . . 20 "  
Permanentes, contrato convencional.  
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

## O GALOIRO

Quinzenário Académico

Ex.<sup>mo</sup> Sr.